

A Globo na África: uma análise televisual

João Candido Ventura Neto

Mestrando do curso de Comunicação, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

joaosucubu@gmail.com.

Resumo

Levando-se em conta que a televisão atualmente representa um dos principais instrumentos de representação social e cultural em nossa sociedade, é válido procurar entender como se dá essa representação e como acontece a construção social através do texto e imagem. O presente trabalho visa analisar textos televisivos realizados por correspondentes da Rede Globo em solo africano e mostrar essa cobertura sob o viés da análise televisual e hipótese do agendamento.

Palavras-chave: Televisão. Análise televisual. Rede Globo. Copa do mundo.

Introdução

A cada dia que passa, o papel das mídias vai além da simples mediação dos fatos do cotidiano para as audiências, assumindo cada vez mais o posto de principal ponto de representação social da atualidade. Nesse sentido, a televisão, apesar da grande popularidade das chamadas “novas mídias”¹, ainda ocupa lugar de destaque nesse papel de representação. De acordo com Barbero (2001), a figura de linguagem da ágora de Atenas, um lugar aberto, onde circulava a palavra na Grécia antiga, serve como uma metáfora para a televisão e seu papel social. A ágora está ligada à idéia de um lugar que servia para se saber do que estava acontecendo na cidade, convidando à participação casual nos assuntos legais. O lugar aberto que era a ágora também estava ligado à ideia da visibilidade. Os cidadãos o frequentavam para ver e serem vistos.

Esse exemplo ilustra bem o papel que a televisão exerce hoje. Nela, circulam os atores sociais, que se tornam visíveis e passam a existir. Por meio da relação entre texto e imagem, o enunciado tem a função de permitir que aquilo que se diz exista (BECKER, 2005). Isso garante o telejornal como “uma instituição de poder soberana e quase intocável, onde são aprisionados múltiplos sentidos” (Idem).

¹ Poster (1995 *apud* SANTAELLA 2003) classifica as novas mídias como a passagem dos meios de massa aos meios digitais bem como as diferenças que essa passagem implica. Usaremos aqui essa definição.

Sabendo dessa importância e desse lugar privilegiado da esfera social, é importante procurar saber como a televisão, mediante a combinação de texto e imagem, realiza essa representação e essa determinação de valores dentro da sociedade. Esse artigo tem por objetivo lançar algumas observações sobre o assunto, que serão trabalhadas por meio de levantamento bibliográfico sobre o fazer da análise televisual e a análise de matérias retiradas dos programas *Esporte Espetacular* e *Globo Esporte*, ambos da Rede Globo de Televisão.

O corpus de análise foi constituído por quatro matérias realizadas no continente africano entre os dias 05 de abril e 24 de maio de 2009, totalizando 49 dias de análise. Foram escolhidas apenas matérias feitas por correspondentes da Globo na África, dada a afirmativa de Traquina (2003) de que o envio de correspondentes para a cobertura em solo estrangeiro torna-se importante devido aos custos e a lógica do lucro. A lógica do lucro ainda engloba uma outra característica, que é a de que o produto seja aceito pelas audiências. Assim, trabalhamos também com a hipótese que esse envio de correspondentes faz parte de um agendamento da emissora visando à ‘venda’ da Copa do Mundo de 2010, cuja transmissão será feita exclusivamente pela Rede Globo.

EE E GE – As matérias no continente africano

Os programas *Esporte Espetacular* (EE) e *Globo Esporte* (GE) são os dois únicos programas esportivos da Rede Globo. O *Globo Esporte* é um programa exibido de segunda a sábado, no horário entre 12h40 e 13h10. Já o *Esporte Espetacular* é exibido somente aos domingos no horário das 9h30 às 12h². Durante a análise, foram retiradas duas matérias do EE, independentes entre si e outras duas matérias do GE, que faziam parte de uma série da emissora chamada *Viva Laduma*³.

As duas reportagens da série *Viva Laduma*, do GE, tiveram, respectivamente, 3m e 12s e 3m e 10s, são de autoria do repórter Renato Ribeiro e foram realizadas na África do Sul, país sede da próxima Copa do Mundo, em 2010. A primeira matéria, exibida, no dia 06 de maio, trouxe a abertura da série mostrando como é o torcedor sul-africano. A segunda, exibida no dia 19 de maio, mostrou o time *Moroka Swallows*, que possui cinco brasileiros (quatro jogadores e o técnico) em seu quadro de atletas.

² De acordo com a grade de programação do site da emissora: www.globo.com/programacao.

³ www.globo.com/vivaladuma.

Já o EE apresentou a única matéria do corpus que não foi realizada na África do Sul. A matéria do repórter Régis Rësing, foi feita em Ruanda e abordou a reconstrução proporcionada ao país pelo futebol após um período de guerra civil. A reportagem foi exibida no dia 5 de abril e teve 15m e 56s de duração. A outra matéria exibida no programa, do repórter Renato Ribeiro, mostrou a prevenção da Aids por meio do futebol. A matéria teve 5m e 29s e foi exibida no dia 24 de maio.

Dentro do período de análise, foi observada uma outra matéria relacionada à África. A reportagem trazia o preconceito que o time brasileiro da Portuguesa Santista sofreu no passado durante uma excursão na África do Sul. A matéria teve 11m e 51s e foi exibida no dia 17 de abril. Apesar de mostrar reflexos da cultura africana, a matéria não foi realizada por correspondentes e nem mostrou imagens do país, sendo, por isso, descartada na análise. Apesar de não se adequar à análise, é importante saber que a pauta descartada também tinha o mesmo tema das escolhidas, mostrando o interesse da cobertura em assuntos relacionados à África do Sul e ao futebol praticado no país.

Cabe aqui colocar ainda algumas das diferenças básicas entre as matérias dos dois programas. As matérias do EE não tinham uma relação entre si, enquanto que as do GE formavam uma série. Dada a natureza do período de duração do programa, as matérias do EE tinham maior tempo do que as do GE. Nas matérias do EE, as pautas eram situadas no contexto sócio-político do país em questão, com ênfase nos problemas e nas carências do território; enquanto as matérias do GE estavam focadas apenas nas características esportivas da pauta. Uma semelhança entre as duas é a de que, apesar da estruturação do texto em terceira pessoa, que, segundo os preceitos da cobertura jornalística promete distanciamento e imparcialidade (BECKER, 2005), os repórteres, em todas elas, apresentaram-se inseridos nas matérias participando ativamente juntos aos personagens e cenários, criando uma situação paradoxal entre o distanciamento objetivo e a participação ativa nos acontecimentos.

A análise televisual – Viva Laduma

Identificadas as matérias que compõem o corpus, passemos agora para a identificação dos elementos das mesmas. Começaremos pelas duas matérias da série Viva Laduma. A reportagem é apresentada com uma vinheta de abertura, que tem por objetivo mostrar que a matéria a seguir faz parte de uma série e diferenciá-la do restante das matérias do fluxo. A vinheta estava presente em todas as matérias da Viva Laduma.

Segundo as palavras do repórter, na abertura da série, ela promete mostrar à audiência brasileira como é e como torce o povo sul-africano.

A primeira matéria da série aborda justamente esse assunto, mas é caricatural quando à construção do estereótipo do torcedor sul-africano. Segundo Becker (2005), no telejornalismo, os indivíduos não são mostrados enquanto indivíduos, mas sim como tipos sociológicos que representam indivíduos. E, neste caso, toda a construção do tipo social reside apenas nas palavras do repórter e em imagens selecionadas que completam o texto em *off*. Nesta primeira matéria, os africanos não têm voz ativa na construção de sua própria imagem, participando apenas com uma pequena fala, não creditada, que corrobora o texto do repórter. Os africanos aparecem ainda gritando somente a palavra “laduma”, que significa “gol” em um dialeto Zulu. Toda a explicação deste fato reside no texto em *off* do repórter, sem a participação dos torcedores demonstrando traços de sua cultura.

A vestimenta dos sul-africanos também é enfatizada, mas de maneira que beira o lado humorístico. Nesta descrição, ocorre uma caracterização do torcedor, que é mostrado como barulhento, sempre fantasiado e acompanhado de sua corneta. O repórter ainda mostra espanto com a comida servida no estádio (pata de vaca com pão de flor) e a matéria é toda coberta por imagens dos torcedores dançando nas arquibancadas. O contexto social destes torcedores sequer é mencionado, bem como outras características do país e da sociedade sul-africana. Os torcedores são resumidos apenas como dançarinos e animados, uma descrição bem reducionista do tipo social que envolve outros elementos fora da participação no local esportivo.

Outra característica presente na matéria é o paralelo traçado entre os torcedores sul-africanos e os brasileiros. Na matéria, a fantasia dos torcedores é comparada “ao estilo da antiga geral do Maracanã”, onde segundo Vizeu (2005), está em jogo a transmissão de conteúdos implícitos, já que o repórter parte do pressuposto de que a audiência já tenha conhecimento sobre os costumes da antiga geral do Maracanã, uma área do estádio brasileiro onde os torcedores também ficavam fantasiados. Podemos notar a mesma prática na cena em que o repórter traz imagens de dançarinas africanas e lembra que “teriam vaga como madrinhas de bateria no Brasil” e que a música tocada pelos músicos africanos “não é samba, mas é quase”. O estranhamento demonstrado com as cornetas, fantasias e comida é paradoxal às tentativas de familiaridade com os elementos considerados parecidos com os do Brasil.

Se na primeira matéria da série o “povo-fala”⁴ dos cidadãos sul-africanos é extremamente limitado, na segunda ele simplesmente não existe. A matéria que traz cinco brasileiros que atuam “no mais brasileiro dos times sul-africanos”, segundo o *off* do repórter, é focada totalmente na perspectiva dos jogadores brasileiros, que estão sempre em primeiro plano. Os demais jogadores africanos, que prometiam ser mostrados pela série, não aparecem ou fazem qualquer tipo de declaração. Não são mais do que figurantes nas imagens.

Diferente dos africanos, os jogadores brasileiros têm voz ativa na matéria, explicando quais as motivações que os levaram para o país e a citação de quais clubes brasileiros os atletas são oriundos. A exemplo da reportagem anterior, o texto traz a ênfase das semelhanças com os brasileiros. Um exemplo é o texto “brasileiro aqui não se reconhece pelo sotaque, nem pelo rosto, mas pelos pés”, coberta por imagens dos jogadores fazendo malabarismos com a bola. Novamente está presente a transmissão dos conteúdos implícitos, em que a frase deixa de construir a imagem dos sul-africanos para construir a imagem do cidadão brasileiro que é “bom de bola”.

Outra demonstração de falta de contextualização da matéria é o texto que cobre as imagens da preleção do técnico brasileiro com os jogadores: “apesar da presença tupiniquim, o idioma é o inglês”. Há dois fatores importantes nesse trecho da matéria. O primeiro é a não-citação de que o inglês é a língua oficial do país, portanto naturalmente falada pelo técnico. A frase denota que, supostamente, isso é uma surpresa, dada a grande presença brasileira. Em segundo lugar, a própria construção dos brasileiros como tupiniquins, uma raça indígena, mostra a própria construção estereotipada dos mesmos.

Dois enunciados importantes que podem ser identificados nessas matérias são a definição de identidades e valores e a espetacularização presente no texto. Mesmo com a proposta de mostrar a África do Sul e seus habitantes, o texto constrói essa identidade de uma forma bastante caricatural, diante da qual os africanos são definidos por alguns poucos traços, como alegria, dança e como pessoas exóticas. Enquanto isso, os repórteres se mostram inseridos na matéria, passando a serem atores na narrativa e completando o quadro com o povo africano como figurantes. Além disso, a composição das imagens para retratar a África, apenas negros mostrados, música típica africana presente durante quase toda a exibição das imagens e várias imagens de bandeiras da África do Sul, ajudam a compor o quadro que colabora na construção dessa imagem

⁴ Entrevistas com pessoas colhidas numa situação qualquer relativa ao fato tratado. (BECKER, 2005).

estereotipada. No texto da televisão, alguns poucos traços reduzem a complexidade de uma sociedade que ainda é estranha aos olhos da audiência brasileira.

A Copa e a agendamento

No texto jornalístico, ainda há um outro elemento muito importante presente nas matérias: a sugestão da hipótese da *agenda setting* ou agendamento. Segundo Araújo (2001), ela também é conhecida como Teoria dos Efeitos a Longo Prazo. Ela é entendida como a modificação do modo de conhecer o mundo de cada indivíduo, colocando temas e assuntos na sociedade. Ferreira (2001) classifica o agendamento como os temas midiáticos que se tornam assunto no dia-a-dia, deslocando o efeito de *como pensar para o que pensar*.

Neste caso, as matérias têm como tema e sugestão a Copa do Mundo de 2010, que será realizada entre os meses de junho e julho, na África do Sul. Esse início de demonstração do país e dos costumes é um agendamento para o grande evento do próximo ano, onde a Rede Globo possui direitos de transmissão exclusivos dos jogos. Dois exemplos desse agendamento, que devem sugerir que o público pense na Copa, são a contagem regressiva para a Copa presente no final das matérias da série Viva Laduma e a exemplificação no texto através da sonora de um dos jogadores brasileiros que diz “os olhos do mundo todo estarão voltados para a África do Sul, a expectativa é grande”.

A frase ainda é seguida por um texto em *off* do repórter no qual o agendamento também está implícito, bem como o anúncio da Copa. “Eles poderão fazer, agora, o que todos nós queremos que se repita em 2010: brasileiros levantando uma taça na África do Sul”. Essas duas frases demonstram a preocupação com o evento vindouro, em que o acompanhamento é colocado como sendo algo muito importante e implícito às audiências. Esse agendamento proposto através dos textos vê o acompanhamento do evento como sendo algo quase natural ao espectador.

Análise televisual: Esporte Espetacular

Como já citado, além de trazer aspectos esportivos, as matérias do Esporte Espetacular também trouxeram aspectos socioeconômicos presentes dos países retratados. Na primeira matéria analisada, intitulada *Ruanda Respira Paz no Futebol*, o

repórter mostra o massacre de ruandeses durante uma guerra civil ocorrida no ano de 1994. A narrativa da reportagem transita entre o horror do passado e a esperança do futuro trazida pelo futebol, que implusiona a seleção de Ruanda à luta para se classificar para a Copa do Mundo.

Esse diálogo entre o horror e a paz é trazido pelo texto e pela composição dos cenários da matéria. As locações se dividem, basicamente, entre o interior de campos de futebol e as ruas da capital Kigali, onde podem ser vistas várias marcas da violência tais como marcas de balas nas paredes, ossos de mortos durante os confrontos, partes destruídas da cidade e locais de miséria. Para ajudar a compor o clima de pesar, estas cenas são acompanhadas por músicas pesadas e imagens de arquivo do conflito, com várias cenas de violência e de corpos pelo chão.

Já nas cenas dentro dos estádios, que, na narrativa, simbolizam a redenção do país, o assunto ‘massacre’ é deixado de lado. O texto que cobre as imagens é marcado, então, pelo otimismo e a transformação, incluindo frases fortes como “o futebol vence a guerra” ou “só quando joga futebol é que consegue esquecer da história (do massacre)”. Essas imagens ainda envolvem pessoas sorrindo e dançando, com uma música de fundo mais leve.

Para compor as cenas, o repórter também lança mão de imagens ficcionais para construir sua narrativa. Um exemplo é a utilização de imagens do filme Hotel Ruanda para explicar o problema histórico. Nesse sentido, recorreremos novamente ao enunciado da espetacularização para exemplificar a construção do texto. Junto das imagens do filme, também é colocada a sonora de um personagem em frente ao hotel Des Milles Collines, que é o hotel retratado no filme. Nesse sentido, ficção e realidade são unidas para construir a narrativa, dando um aspecto de filme ao trecho da matéria.

Os ruandeses têm voz ativa na matéria. Além dos jogadores, cidadãos da cidade que sobreviveram ao massacre falam sobre o ocorrido. Porém, todas as sonoras são baseadas na guerra, seja com descrições ou com lembranças sobre o fato, porém, não são creditadas em tela. É o repórter quem diz os nomes dos personagens. A construção dessas sonoras é pautada pela dramatização, que visa envolver emocionalmente o telespectador. Todos os depoimentos trazem um apelo à emoção, com os dramas dos personagens expostos, sonoras com lembranças tristes, cobertas por imagens de violência e miséria, sempre contrapostos pela redenção de um passado que já não existe mais.

Outro ponto a ser abordado é a definição de identidades e valores. Os personagens da matéria são colocados como as vítimas da tragédia e, tirando o hotel, as locações geralmente são em áreas carentes. Imagens de pessoas andando sobre a lama, com pés descalços, reforçadas pelo texto, mostram um lado bem humilde de Ruanda, que é respaldado pelas imagens da guerra. A imagem dos ruandeses é a do negro pobre, oprimido pelo contexto social e que vive envolto com a lembrança desse contexto.

Além da construção da representação social dos indivíduos, também está presente na matéria a autorrepresentação da emissora como o ser de lugar privilegiado nesse jogo de representação. Lisa Gitelman diz:

Eu defino as mídias como estruturas de comunicação socialmente realizadas, nas quais a idéia de estrutura inclui tanto formas tecnológicas como seus protocolos associados, e a comunicação é uma prática cultural, uma colocação ritualizada de diferentes pessoas no mesmo mapa mental, compartilhando e se engajando em ontologias populares de representação. Nessa condição, as mídias são sujeitos históricos singulares e complexos (GITELMAN, 2006, p.7).

Um exemplo dessa representação é a passagem da cena em que o repórter Régis Rësing confessa cometer um ato proibido no país: o de filmar a área onde estão os presidiários em Kigali. Confessando o fato, o repórter evoca, implicitamente, a legitimidade do campo jornalístico, que é a de transmitir as notícias a qualquer custo, a partir da significância do valor-notícia (TRAQUINA, 2003), que justificaria essa transgressão. A participação direta do repórter ainda é vista em outros aspectos da matéria, na qual ele, através de incitação a crianças, cria um apelo emocional junto ao público, fazendo com que as crianças ruandesas falem palavras em português evocando uma forçada proximidade cultural baseada na dramatização. Como um todo, a reportagem possui uma forte carga emocional, onde Ruanda é mostrado como um país que encontrou no futebol a força para superar suas dificuldades. A intertextualidade proposta por Bakhtin (2005), mostra o que está por vir através daquilo que não foi dito pelo repórter: que a reestruturação não é feita através do futebol, mas que, segundo Franco Júnior (2007), o esporte é um microcosmo da sociedade, podendo refletir essas mudanças que podem vir a acontecer.

A matéria de Renato Ribeiro sobre a prevenção da Aids por meio do futebol na África do Sul segue o mesmo preceito da de Rësing e mostra estatísticas de pessoas contaminadas pela Aids, numa dramatização constante do que é narrado. Durante a apresentação das estatísticas, o *off* é coberto por imagens de pessoas com aspecto de

miséria e doentes, em bairros pobres da periferia de Porto Elizabeth. O quadro construído pelas imagens iniciais é o de que a doença é associada à pobreza e às regiões periféricas. As estatísticas sobre a doença são comparadas também com as estatísticas da doença no Brasil, para aumentar a carga de dramaticidade.

Este clima tenso construído em torno da narrativa sobre as dificuldades na periferia sul-africana é contraposto pelo fato principal da matéria, que é o programa de futebol que busca transmitir ensinamentos sobre a prevenção da Aids. Durante a exibição das crianças participando das aulas, as imagens de pobreza são deixadas de lado e substituídas pelo ambiente escolar, onde o programa acontece. O texto do repórter mostra que a “fórmula educação mais esporte é imbatível para advertir e ensinar qualquer criança”, generalizando o alcance do programa e construindo a imagem de que as ações individuais são a solução para os graves problemas sociais presentes naquele contexto. O programa exclui as fontes oficiais desse processo de hierarquização das soluções para os problemas, colocando-se ao lado desse tipo de iniciativa.

A cabeça da matéria também traz a chamada de que o Esporte Espectacular “segue atento a tudo o que acontece no país da próxima Copa”. Novamente temos o enunciado da relaxação, criando a tensão sobre o que está por vir. Esse enunciado está ligado ao agendamento da Copa proposto nas matérias, antecipando a cobertura do evento. Nesse sentido, o programa se coloca como um guardião dos acontecimentos relacionados ao evento, colocando essa vigilância à disposição do telespectador.

A matéria visa ter um cunho educativo. A ambientação é feita mediante uma música tipicamente africana e o *off* do repórter descreve a atividade. Duas das professoras do projeto falam sobre ele e são creditadas. Porém, suas falas estão mais ligadas aos males da doença do que à prevenção em si. A dramatização está novamente presente, especialmente nas passagens em que o repórter diz que várias das crianças têm o vírus HIV, sempre com a música ambiente trágica. No final da reportagem, apesar de tudo, o texto continua dizendo que o programa “traz a cura invisível, através da educação”, com um ‘final feliz’ jornalístico, encerrando a matéria e dando a ideia de que a situação está bem.

Outro elemento que também está presente nas matérias, como nos outros textos analisados, é a aproximação entre os sul-africanos e os brasileiros. São mostradas imagens de crianças jogando futebol e falando em chosa, um dialeto local, a palavra ‘bola’, que tem a mesma pronúncia nessa língua e em português. Intimadas pelo

repórter, as crianças também falam o nome de jogadores brasileiros, forçando uma aproximação entre os dois países. “O futebol continua aproximando brasileiros e sul-africanos”, diz o *off*. Porém, essa aproximação de fato não é existente, pois foi provocada pelo próprio repórter que se inseriu como um personagem na matéria instigando essa aproximação entre os países, buscando corroborar seu próprio texto. As reais proximidades, se é que existem, não são citadas.

Conclusão

Após a análise do corpus proposto, chegamos à conclusão de que para promover um grande evento esportivo, neste caso, a Copa do Mundo da África do Sul, do próximo ano, a Rede Globo iniciou um processo de construção representacional da sociedade africana para facilitar a ‘venda’ do evento para as audiências, partindo da hipótese do agendamento. No entanto, essa construção é estereotipada e realizada através de características bastante reducionistas, como problemas sociais e aspectos exóticos da cultura. Essa mesma cultura africana é colocada, na construção do texto jornalístico da Globo, como um mero reflexo da cultura brasileira, onde as semelhanças são muitas e familiares.

Acreditamos que essa construção do significado cultural tem importância neste agendamento, que nada mais é que uma intenção de direcionamento das audiências para a Copa do Mundo. No processo, pudemos observar também que a importância de uma construção do sujeito social neste processo é menor do que essa intenção de direcionamento do pensamento da audiência ao evento que se pretende mostrar.

Damos assim, nossa tímida contribuição para os estudos da análise televisual, lembrando da importância dos mesmos, dada a forte representatividade dos meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão, na sociedade contemporânea.

Referências

- BARBERO, Jesús Martín. *Os ejercicios do ver*. São Paulo: Senac, 2001.
- BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal*. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2005
- CASSETTI, Francesco; DI CHIO, Federico. *Análisis de la televisión*. Paidós, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

FERREIRA, Giovandro Marcus. In: HOHLFELDT, Antônio, MARTINO; Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GITELMAN, Lisa. *Always Already New: Media, History and the Data of Culture*. Cambridge: The MIT Press, 2006.

HOHLFELDT, Antônio, MARTINO; Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

JOST, François. *Seis lições sobre televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Vale do Rio dos Sinos, 2003.

VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen*. Paidós, 2003.

VIZEU, Alfredo. *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis, SC: Calandra, 2005.